

Inclusão digital: reflexões em saúde mental

Deise Juliana Francisco – deisej@gmail.com
CEDU – Universidade Federal de Alagoas

Resumo

O presente artigo discute uma atividade decorrente de um projeto extensionista desenvolvido junto a um serviço substitutivo de saúde mental na região sul do Brasil. Apresenta prática em saúde mental articulada com as tecnologias digitais, refletindo sobre a construção de um site por pessoas em sofrimento psíquico.

Palavras-chaves: Saúde mental - tecnologias digitais - inclusão digital

Abstract

This article discusses an activity from a project developed with the extension service a substitute for mental health in southern Brazil. Provides practice in mental health combined with digital technologies, reflecting on the construction of a site for people in psychological distress

Keywords: mental health - digital technologies - digital inclusion

Introdução

O uso das tecnologias digitais no Brasil como forma de inclusão digital tem sido realizado por muitas instituições que atendem principalmente classes populares [1].

O uso das tecnologias digitais demonstrou, no âmbito da educação, um grande *potencial* para incrementos quanto à aprendizagem, à sociabilidade e inclusão de minorias; no âmbito da medicina, exames, diagnósticos, sistemas especialistas. Inclusive, as iniciativas em inclusão digital apontam para uma relação entre sociabilidade, uso dos recursos informatizados com fins de democratização, acesso e criação da informação e também, constituição de redes de conversação em saúde [2].

Na saúde mental as iniciativas ainda são pouco exploradas. Sendo que algumas iniciativas ganham destaque como as atuações do CDI (Centro de Descentralização da Informação), que tem desenvolvido projetos especiais dentro de sua plataforma de uso de computadores para democratização da informação, uso da rede e constituição de cidadania para classe popular, populações indígenas e psiquiátricas. Além desta, há o uso de recursos de realidade virtual como auxiliar em tratamentos de reabilitação psicossocial [3]; bem como ações de (re)socialização, composição de novas relações do portador de sofrimento psíquico consigo e com o outro na perspectiva da coletivização (rede de convivência). Como exemplo, temos as atividades de web rádio e listas de discussão sobre temáticas ligadas à saúde mental disponíveis no site <http://www.deliriocoletivo.com/>, bem como as oficinas ligadas ao CIAPS do Hospital São Pedro de Porto Alegre com adolescentes realizadas pelo grupo de pesquisa coordenado pela professora Doutora Cleci Maraschin.

Muitos trabalhos realizados com as tecnologias digitais, no âmbito da inclusão digital, objetivam a disponibilização de computadores para classe popular. Porém, tais ações devem ser muito mais amplas do que o simples acesso. O acesso é o primeiro passo para possibilitar a produção, seleção e significação da informação e a construção de conhecimento por sujeitos e coletividades. Isso significa que se aposta, a partir do uso do recurso informatizado, na construção de conhecimento, na constituição de redes de solidariedade, de acesso aos bens sociais e políticos bem como na ressignificação do lugar de despossuído ou de excluído social.

Na saúde mental, a exclusão psicossocial é marcada tanto pelo acesso dos portadores de sofrimento psíquico aos bens sociais bem como pelo trânsito por espaços sociais. Muitas vezes, apesar de não existirem mais fronteiras claramente definidas, as pessoas acabam tendo percursos bastante limitados, perfazendo um circuito casa-igreja-serviço de atenção à saúde mental.

Os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) são serviços definidos na legislação brasileira como sendo unidades que prestam atenção à saúde mental. São serviços substitutivos ao manicômio e utilizam diversas formas intervenção para promover a saúde mental na cidade. Dente elas, as oficinas têm se mostrado como uma forma de constituição de outros modos de vida para os usuários do serviço de saúde mental e mesmo para a cidade como um todo, no tocante ao trabalho de desconstituição do preconceito e da criação de formas de vida respeitadas das diferenças.

O trabalho ora apresentado parte da experimentação de um projeto de extensão universitária realizado em parceria com um CAPS de uma cidade do interior do estado do RS, no Brasil. O mesmo baseou-se na perspectiva de inclusão digital de pessoas em sofrimento psíquico. A apropriação das tecnologias digitais por parte dos participantes do projeto bem como a produção individual e coletiva foi a principal via investida, até porque é neste aspecto que a inclusão se dá de forma ampla e profícua. Acreditamos que não basta o acesso, a leitura, o desfrute dos bens e serviços disponibilizados pela sociedade da informação/conhecimento. É fundamental a tomada de poder, a produção em nome próprio das minorias sociais e a disseminação de vários pontos de vista e de formas de produção de vida e de modos de viver não hegemônicos.

A maior parcela de usuários de saúde mental no município em que ocorre a oficina é oriundo de classe popular, não dispendo de acesso a computadores nem a Internet. Para além da simples capacitação (aprender a usar o computador), a produção, seleção e significação da informação têm como objetivo a criação de outras possibilidades subjetivas aos portadores de sofrimento psíquico e a divulgação de informações que eles achem pertinentes. O fato da atividade estar vinculada à universidade local também produz uma inserção ao meio acadêmico, o que, de outra forma, seria muito improvável.

O projeto teve seu desenvolvimento ocorrido durante quatro anos, nos quais tiveram acesso à oficina de informática 30 usuários. Estes tiveram tempos bastante diferentes de permanência na oficina, o que foi determinado pela participação no serviço de saúde mental, o desejo do participante e a viabilidade de participação do mesmo, bem como o número de equipamentos disponíveis (07 computadores).

A reflexão ora realizada centra-se na análise de uma atividade desenvolvida no projeto, a qual teve participação de 07 participantes da oficina. Tal atividade foi a construção de um site do serviço de saúde mental pelos participantes da oficina.

PROJETO “CRIANDO LAÇOS VIA RECURSOS INFORMATIZADOS”

O projeto de extensão universitária “Criando laços via recursos informatizados” decorreu de uma parceria constituída entre uma universidade comunitária do sul do Brasil e um CAPS. Tal parceria ocorreu devido a trabalhos desenvolvidos como estágios acadêmicos, pesquisas e outras atividades que aproximaram docentes e alunos da universidade com a equipe do CAPS, seus usuários e familiares.

O projeto visava a constituição de espaços virtuais para convivência e trocas entre portadores de sofrimento psíquico, a partir da construção de um espaço no qual pudessem ser manifestas e exibidas as produções dos participantes do projeto no uso de diversas matérias de expressão, tais como a escrita, a música, o desenho, mediadas pelos recursos digitais.

Organizado em forma de grupo-oficinas, as atividades eram realizadas semanalmente, em dois grupos, desde o ano de 2004, em um laboratório com 07 computadores ligados em rede e com acesso à Internet, com uma impressora jato de tinta. Participaram dos encontros, ao longo dos anos, 30 participantes, adultos, de ambos os sexos, usuários do Caps, portadores de sofrimento psíquico, com diversos diagnósticos psiquiátricos.

Os recursos mais utilizados foram: editor de texto, editor de imagem, editor de som, software de animação e Internet para construção de projetos individuais e grupais.

Os participantes da oficina, com o apoio de bolsistas de Ciências da Computação e de Psicologia, desenvolvem seus projetos, com o intuito de promover aprendizagem e uso das ferramentas digitais, bem como expressão da subjetividade e produção de obras. Estas foram apresentadas à equipe do estabelecimento de saúde, às famílias dos participantes e à comunidade acadêmica em Mesas Redondas, Semanas Acadêmicas e Feiras de divulgação.

Dentre as atividades propostas, uma delas será campo de análise, relativa à construção do site do CAPS e os movimentos realizados pelos participantes para esta atividade coletiva.

CONSTRUÇÃO DO SITE DO CAPS

A construção de um site do CAPS foi uma proposta realizada pela equipe extensionista como uma atividade coletiva e a mesma teve a adesão dos participantes de forma pontual. Participaram efetivamente 05 participantes nesta atividade, que teve duração de três meses de construção.

A atividade foi realizada nos meandros da apropriação do uso das tecnologias digitais (enquanto os participantes consultavam seus e-mails, realizavam buscas na internet de temáticas de seus interesses, dialogavam sobre suas aprendizagens).

A proposta da construção do site foi pensada pelos participantes como um canal de divulgação do que era desenvolvido no serviço de saúde mental, bem como uma forma de diminuição do preconceito quanto à pessoa em sofrimento psíquico, na medida em que os próprios participantes/usuários contavam sobre suas trajetórias no serviço e suas produções.

Assim, a construção de um espaço de diálogo e da apropriação da Internet como canal de comunicação foi se gestando no grupo à medida em que se dava a apropriação das ferramentas pelo grupo, em especial por um participante que ficou responsável pela alimentação da página.

As conversas coletivas traziam temáticas sobre o funcionamento do serviço de saúde mental, a busca de legislação sobre a problemática da saúde mental no Brasil, a busca por outros serviços no país, o diálogo sobre a relação entre a universidade e o serviço, a partir dos trabalhos dos profissionais envolvidos.

Para a construção da página do CAPS foi necessário o diálogo entre os participantes, a escolha do que escrever e de como publicizar o trabalho do estabelecimento, a partir da ótica dos próprios usuários.

Os usuários do CAPS eram, naquele momento, usuários do site do Yahoo para publicizarem o atendimento, o cotidiano do que viviam na cidade. Os links foram escolhidos depois de muita discussão sobre o objetivo da página e sobre o que cada um gostaria de escrever.

A perspectiva de publicização do CAPS só se tornou significativa para os participantes quando eles perceberam que alguém conhecido poderia ler e reconhecer a autoria da obra. Um leitor virtual não recebeu aceitação dos participantes, na medida em que a prática de interagir com pessoas de forma virtual não era comum para os participantes até aquele momento.

Em alguns encontros, o projeto em comum vingou com a participação e decisão coletivas, mas por outras, a participação se deu com muita insistência para a conclusão da página e para sua inserção como hipertexto e não apenas listagem de informações.

Os links escolhidos foram: CAPS (descrição do serviço de atenção à saúde mental), Recreação (atividade desenvolvida no CAPS), Fórum (espaço para interação com outros internautas interessados na temática do site), Esportes (relato das atividades físicas desenvolvidas no CAPS), Passeios Turísticos (relato das saídas do serviço de saúde mental), Rodas de Chimarrão (relato de uma atividade bastante significativa para os usuários, que serve como ponto de encontro e conversas), Sentimentos (espaço para veiculação de produções de poesias e escritos dos participantes da oficina), Grupos Operativos (relato dos grupos desenvolvidos no CAPS), Terapia Ocupacional (relato das atividades ocupacionais desenvolvidas no CAPS), O Cuidar começa com a compreensão (apresentação do slogan do CAPS). O link Oficina de Artes Plásticas não foi concluído.



Figura 1. Página do CAPS - Fonte: <http://geocities.yahoo.com.br/ekrindges/index.htm>

O fórum de discussão foi inserido com a proposição de interatividade entre os participantes e outras pessoas. Porém a comunicação com outras pessoas, desconhecidas, naquele momento, foi rechaçada.

A inserção do projeto de extensão se fez em “Terapia Ocupacional”, remetendo à idéia de oficina, de produção. Como lugar institucional como uma extensão do CAPS para outros espaços, no caso, no espaço físico da universidade. Como exposto no excerto do site:

“No atendimento do CAPS Santo Ângelo nós os pacientes temos disponibilidade de fazermos trabalhos artesanais e também aprendemos a fazer trabalhos com fuxico, biscui, desenhos em vários tipos de papéis, tricô, crochê, corda, temos sala para realizar esses trabalhos, e também usamos o laboratório de informática da URI. O laboratório está sendo muito proveitoso, pois realizamos atividades de livre escolha e nós os pacientes navegamos na Internet, mandamos e-mail, até trabalhamos na confecção desta página do Caps”. (<http://geocities.yahoo.com.br/ekrindges/terapiaocupacional.html>)

Abaixo, está disponibilizado fragmento do site, relativo à explicitação, na perspectiva dos participantes/usuários do CAPS de como se caracteriza o serviços substitutivo, quais são suas características.

Neste momento, há o início de diálogo com um possível interlocutor virtual, quando a descrição é direcionada para este leitor. Inclusive, o imaginário de ser alguém fora do estado do Rio Grande do Sul, desconhecer dos hábitos gaúchos, como, por exemplo, o chimarrão. A assinatura foi uma marca discutida com os participantes, como uma forma de reconhecimento e de autoria por parte deles. Enfim, como forma de significação de si mesmo no ciberespaço, abrindo portas para comunicação com outros, possibilitando, assim, o início da diminuição do fosso digital que apartava os participantes do projeto da comunicação online.

O CAPS é um lugar onde vou rever meus amigos(as). É onde eu me sinto muito bem, são pessoas maravilhosas. De algum modo, algo acontece na vida de qualquer pessoa, mesmo as pessoas que desconhecem o que significa CAPS - Centro de Atenção

Psicossocial, e também desconhecem a extensão das atividades diárias e conforme suas capacidades, sentem algum dia a necessidade de amizades reais, firmes e duradouras. Existe muita atividade neste paraíso, temos esportes e aulas de informática no laboratório da URI, nossa universidade local. Tudo é muito bom, ótimo, pois onde quer que estejamos sempre sentimos a presença humana de quem nos atende, e sempre há um modo, ou dois, de retribuir. A retribuição está sendo as maravilhosas experiências e regulares das diversas modalidades em que estou participando.

O CAPS funciona durante toda a semana, de segundas às sextas, desde cedo da manhã às 18 horas. Sendo, ainda, um Posto de Saúde para toda a comunidade, conforme suas necessidades, ou, quando muito, sendo orientadas a um modo de resolver seus problemas, no que se refere às necessidades de quem o procura.

Internamente, as atividades vão desde grupos de auto-ajuda, a conversas, a oficinas, a recreações, a rodas de chimarrão (a você que não conhece o que é chimarrão, esta é uma bebida tradicional aqui no Sul do Brasil. Bebe-se quente - não é água fervida).

O CAPS atende principalmente a pessoas que necessitam de ajuda psicológica (o grau é relativo) pois que muitos de nós não compreendemos realmente o que se passa conosco mesmos. Mas a grande verdade é que as coisas estão mudando. Descobri recentemente, uma porta – um modo de diminuir os problemas, que está dando resultados. Pessoas que não conversavam estão começando a se abrir para o mundo e estão vendo em si próprias as condições de se entenderem melhor.



[Assinatura do Participante]

Figura 2. CAPS - Fonte: <http://geocities.yahoo.com.br/ekrindges/>

Após sua disponibilização, alguns participantes perguntam sobre o site para saber se suas produções podem ser vistas por outras pessoas, para que elas possam disponibilizar para outros. Percebemos que a “cultura digital” aos poucos foi se conectando com a vida cotidiana dos participantes, na medida em que eles conhecem pessoas com as quais podem trocar informações, pessoas que são incluídas digitalmente e, para as quais, o jargão informático faz girar sentidos e formas de vida.

Por fim, o site encontra-se em construção, pois o participante mais envolvido na construção da página não participa mais do projeto. Assim, encontra-se sem e-mail para correspondência e sem a inserção de alguns links previstos. Esta ausência não

descharacteriza a obra, apenas a insere numa temporalidade e num percurso de visibilidade para as ações, pensares e propostas dos usuários/participantes.

REFLEXÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DO SITE DO CAPS

As tecnologias compõem, também, subjetividades, pois elas atuam nas dobras da subjetividade na constituição de um si [4]. Atuam como veículos para produção, transformação e manipulação de objetos, como forma de objetivação dos sujeitos, a partir também do uso de jogos de linguagem e, por último, como exercício de si. Ao escrever diários e construir o site, o participante do grupo-oficina oficia um exercício, um diário em que modula formas de existência a partir da escrita do cotidiano, das suas ações, de seus pensamentos e decisões.

O apartamento da experiência vivida para a reflexão do que será dito para o outro virtual cria uma outra camada, a da experiência refletida e digitada. O ofício da oficina é este obrar e desobrar as experiências de vida, a modulação das ações e dos pensares pelos participantes [5]. Ofício que tem como matéria a vida, a experiência dos participantes no perambular pelas redes sociais das quais fazem parte ou das quais “dá um tempo”, como no caso do participante seu afastamento de uma atividade que o mesmo desenvolvia enquanto voluntário. Os conteúdos do site foram escolhidos para desmistificar o que é o CAPS e o que é saúde mental, portanto, a matéria da vida cotidiana foi utilizada neste contexto.

Podemos pensar no ofício da oficina como ponto de singularização, que se agencia em movimentos de territorialização e de desterritorialização [6] com a vida que vai escorrendo pelo teclado, que é guardada em arquivos e que é socializada em conversas com outros participantes da oficina.

O ofício da oficina se dá nestes movimentos, na apreensão de uma forma de expressão na escrita, neste caso com uma escrita-desenho em que a forma se mantém segura e constante, com seu teor de vida alterado.

A convergência de mídias (desde os sons gravados, às imagens desenhadas, poesias digitadas, arquivos disponibilizados na Internet) opera um desregramento de cada mídia, misturando formas de expressão e compondo hipertextos complexos que se potencializam com o deambular dos participantes por seus nós. Em cada bifurcação se abrem novas aprendizagens tanto em termos individuais quanto na abertura para a escuta do outro e a composição de um plano comum. Apesar das problemáticas individuais, este plano comum foi construído na escrita do site, com momentos de maior empenho coletivo e outros menores. De qualquer forma, a própria composição de um caminho comum já aponta para um efeito terapêutico da oficina.

Assim, a construção de um projeto coletivo para dar visibilidade ao que acontece intramuros do CAPS foi uma atividade que pode congrega cada um dos participantes da oficina em um único projeto. Além disso, este projeto delineou-se nas práticas individuais, quando foram separados, para cada participante a escrita/seleção de materiais para compor o texto de cada um dos links escolhidos.

INCLUSÃO DIGITAL, SAÚDE MENTAL

A busca por dispositivos que possibilitem a construção de um comum e espaços de subjetivação e cidadania em saúde mental é um desafio dos tempos atuais, nos quais as políticas públicas, o preconceito, a globalização, o desenvolvimento da farmacologia disputam o cotidiano e se defrontam na atenção ou contenção da saúde mental.

Aposta-se na construção de redes de convívio que ultrapassem as fronteiras geográficas e que possam ser veículos de fala e de posicionamento de formas de existência não hegemônicas. Não foram utilizados para esta análise instrumentos objetivantes dos sujeitos, tais como dados neurológicos ou outros tipo de avaliação psicológica. Tal escolha foi proposital, pois a oficina foi construída sobre a possibilidade de constituição de outros territórios subjetivos e sobre a aposta na aprendizagem e na apropriação dos recursos digitais por parte dos participantes da oficina, com a produção de obras (arquivos de texto, de sons, de imagens, de animações).

Para tanto, as habilidades trabalhadas para o manejo do computador auxiliaram nas relações psicossociais. Constatamos que a aprendizagem do uso dos recursos informatizados foi alcançada, na medida em que os participantes da oficina realizaram atividades cotidianas no computador (abrir arquivos, salvar documentos, formatar, construir homepage, enviar e receber e-mails, dentre outras ações). Além disso, viabilizou-se o diálogo no grupo, com a disponibilização e construção de arquivos que foram agrupados na homepage do Caps.

Em uma atividade de escrita de texto coletivo, um participante da oficina aponta relações entre os conceitos de Luta antimanicomial e inclusão digital:

“Como o tema principal é Luta Antimanicomial e Inclusão Digital, os dois assuntos são complementares. Um é que eu nunca estive em clínicas psiquiátricas, não sei o que é e jamais quero estar em um deles ou conhecer qualquer que seja como queiram que chamem. Eu quero dizer que saúde mental existe e é possível atingi-la e a inclusão digital é de muita importância, pois vem quebrar um monte de preconceitos, como o medo de aprender ou mesmo de errar, o de estar entre pessoas diferentes, mas humanas, sensíveis e compreensíveis”.

Neste relato, a aproximação entre os conceitos se deu pela via da quebra de preconceitos, da aprendizagem e do convívio em grupo. Tal escrita sublinha os objetivos da oficina e contempla sua aposta na inclusão digital como um caminho possível para a inclusão de pessoas em sofrimento psíquico, na construção de um plano coletivo, mesmo que instável e aberto às inflexões do tempo e dos movimentos tanto dos sujeitos quanto das instituições envolvidas no projeto extensionista.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos o apoio do grupo de Pesquisa GPEAD, de bolsistas de iniciação científica, da equipe e dos usuários do CAPS para realização do trabalho ora exposto.

REFERENCIAS

- [1] Silveira, S. 2001. Exclusão digital : a miséria na era da informação. Perseu.
- [2] Teixeira, R. 2005 O desempenho de um serviço de atenção primária à saúde na perspectiva da inteligência coletiva. In Interface - comunicação, saúde, educação. (Jan. 2005), 219-34
- [3] Riva, G., Botella, C., Castelnuovo, G., Gaggioli, A., Mantovani, F., Molinari, E. Cybertherapy in practice: the VEPSY Updated project. In Riva, G., Botella, C., Légeron, P., Opale, G. (Eds). *Cybertherapy* : Internet and virtual reality as assessment and rehabilitation tools for clinical psychology and neuroscience. Amsterdam: IOS Press, 2004.
- [4] Foucault, M. 2004. A hermenêutica do sujeito. São Paulo, Martins Fontes.
- [5] Fonseca, T. M. G. 2005. Imagens que não agüentam mais. N Episteme (Jan/Jun 2005), p. 101-110.
- [6] Deleuze, G., Guattari, F. 1997. Mil Platôs : capitalismo e esquizofrenia, São Paulo, Ed. 34.